

EVOLUÇÃO DA FECUNDIDADE NA REGIÃO NORTE DO BRASIL¹

Roberto Nascimento Rodrigues²

Laura Rodríguez Wong²

1. Introdução

Palco de profundas transformações na dinâmica econômica, especialmente a partir dos anos 60, a Região Norte também vem apresentando modificações importantes no que se refere à sua dinâmica demográfica. A aceleração do crescimento populacional põe em evidência a intensificação da migração, mas pouco revela em relação ao processo de urbanização ou redistribuição da população no espaço regional, ou mesmo em relação aos níveis de mortalidade e fecundidade.

Este trabalho focaliza especificamente a questão da fecundidade na Região Norte, em uma tentativa de analisar as evidências acumuladas de um processo de transição rumo a níveis considerados baixos. A análise centra-se basicamente no período 1940-1991 e inicia-se com considerações acerca das variações das taxas de fecundidade total (TFT), em nível regional. Em seguida, abordam-se essas variações desagregadas em nível das Unidades da Federação que compõem a Região. Para completar o quadro de evidências do processo de transição da fecundidade são analisadas, também, as taxas de fecundidade específicas por idade.

¹ Os dados provenientes do Censo Demográfico de 1991 foram processados e gentilmente cedidos pelo Departamento de Indicadores Sociais do IBGE.

² CEDEPLAR/UFMG. Os autores agradecem os comentários do Prof. José Alberto M. De Carvalho que contribuíram para um melhor entendimento do presente trabalho e se responsabilizam pelos erros e imprecisões do mesmo.

2. Evidências do Processo de Transição da Fecundidade

Embora presente na maioria dos estudos sobre a dinâmica demográfica brasileira, a análise da transição da fecundidade no Brasil, como em muitos Países em desenvolvimento, ressentem-se de uma abordagem historicamente mais completa, em função, principalmente, da escassez/ausência de informações adequadas, fidedignas e comparáveis. O desafio é ainda maior quando o foco de atenção são as diferentes regiões do País.

Ainda assim, baseando-se em informações provenientes dos censos demográficos e utilizando-se técnicas de estimativas indiretas, alguns esforços têm sido feitos no sentido de focalizar a fecundidade para períodos que remontam pelo menos ao início do século XX no Brasil. Pode-se verificar, por exemplo, que, ao contrário do que se apregoava, os níveis de fecundidade da mulher brasileira não permaneceram relativamente constantes desde o início do século até final dos anos 60 (Frias e Carvalho, 1994). É possível perceber, também, a ainda hoje persistente diferenciação regional, que é um dos traços característicos mais marcantes do cenário socioeconômico e demográfico brasileiro.

No que se refere aos níveis de fecundidade, as diferenças interregionais apontam para a coexistência de estágios diferentes no processo de transição. Frias e Carvalho (1994) estimaram, a partir de metodologia já proposta por Frias e Oliveira (1991) e com base em informações censitárias, os níveis de fecundidade corrente das regiões brasileiras para os quinquênios que vão de 1933 a 1973. Até a década de 40 a fecundidade da Região Norte era um tanto similar àquela registrada para as regiões Sul e Sudeste, ao contrário do que se poderia, à primeira vista, esperar. Somente a partir dos anos 50 é que a diferença entre os níveis de fecundidade entre a Região Norte e as regiões Sul e Sudeste aumentam. Em 1973, as mulheres residentes no Norte do Brasil tinham, em média, 2,4 filhos a mais do que aquelas residentes no Sudeste (com relação à Região Sul essa diferença foi de 1,9 filhos).

Mas o aspecto que mais chama a atenção é que enquanto nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste a fecundidade apresenta claro sinal de elevação, pelo menos até meados dos anos 60, nas regiões Sudeste e Sul a tendência, no mesmo período, é de nítido declínio.

Isso, é claro, resulta em um aumento dos diferenciais regionais, mas também oferece margem para a elaboração de análises explicativas.

A hipótese apresentada por Frias e Carvalho para aumento da fecundidade nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste é que poderia estar havendo, nessas regiões, melhoria relativa nas condições de sobrevivência e estado nutricional das mulheres, acarretando uma elevação na proporção de gravidez que resultava em nascimento vivo, na suposição de uma situação de fecundidade natural (ausência de controle deliberado da fecundidade). Ao mesmo tempo, nas regiões Sudeste e Sul o declínio da fecundidade seria explicado pela vigência da prática de controle da prole.

Uma discussão de natureza explicativa dessas tendências divergentes foge ao escopo e objetivo deste trabalho. Mas, de qualquer forma, vale lembrar que, através de uma análise levando em consideração o padrão etário da fecundidade durante o período considerado, é possível aferir a veracidade da hipótese, a exemplo do que propõe Knodel (1977) para Países europeus e asiáticos.

No intervalo de três décadas, entre 1933 e 1963, a fecundidade da Região Norte aumentou em 29,2%. Somente a partir do final dos anos 60 é que se iniciou uma tendência de declínio do número médio de filhos por mulher, processo que já era evidente nas regiões Sudeste e Sul³ pelo menos desde o início do período considerado (1933). Mas embora esse seja um campo particularmente fértil para análises exploratórias e especulações, a abordagem empreendida aqui centrar-se-á em estimativas produzidas com base em metodologia desenvolvida por Brass, a partir de dados censitários. O período de investigação é de 1940 a 1991 e, para efeito de comparação, a situação da Região Norte é comparada com a da Região Sudeste, que apresenta os menores níveis de fecundidade.

As estimativas indiretas da fecundidade com base nos Censos Demográficos de 1940 a 1991 são apresentadas na Tabela 1. Os dados evidenciam que, até 1980, houve um crescimento da diferença entre os níveis de fecundidade da Região Norte e aqueles da Região Sudeste. Em 1940, as mulheres residentes na Região Norte tinham,

³ Na Região Sul houve ligeiro aumento da fecundidade entre 1943 e 1953.

Tabela 1
Taxas de Fecundidade Total (TFT), Brasil e Regiões, 1940-1991

Anos	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	C. Oeste	BRASIL
1940	7.17	7.15	5.69	5.65	6.36	6.16
1950	7.97	7.50	5.45	5.70	6.86	6.21
1960	8.56	7.39	6.34	5.89	6.74	6.28
1970	8.25	7.53	4.56	5.42	6.42	5.76
1980	6.45	6.13	3.45	3.63	4.51	4.35
1991	4.15	3.70	2.36	2.52	2.68	2.85

FONTES: 1940-1980: IBGE, Censos Demográficos; 1991 - IBGE, Departamento de Indicadores Sociais (DEPIS).

em média, 1,5 filho a mais do que as mulheres residentes na Região Sudeste. Em 1970, essa diferença subiu para 3,7 filhos, reduzindo-se para 3,0 filhos, em 1980, e para 1,8 filho, em 1991. Na Região Norte, a tendência é de aumento do número médio de filhos por mulher entre 1940 e 1960 e de redução nos períodos subseqüentes, enquanto na Região Sudeste a tendência de declínio que se verifica desde 1940 só é interrompida em 1960, mas retomada, com intensidade, nos períodos seguintes.

Não há como negar a existência de padrões distintos de comportamento reprodutivo entre as duas regiões e, a rigor, entre as diversas regiões brasileiras. A Região Norte é responsável pelos maiores níveis de fecundidade do País, chegando a apresentar, em 1970, uma diferença de 2,5 filhos em relação à média nacional. Nos períodos subseqüentes esse diferencial reduziu-se, de tal forma a situar-se ao redor de 1,3 filho, em 1991.

Embora o nível de fecundidade da Região Norte, em 1991, possa ser considerado elevado, é certo que a Região, a exemplo do que ocorre em todo o Brasil, vem passando por um processo de transição para níveis considerados baixos. Entre 1940 e 1991, houve uma redução de 3,0 filhos na taxa de fecundidade total da Região Norte e, em relação ao nível mais elevado da série, registrado em 1960, o declínio foi de 4,4 filhos. Para o Brasil como um todo essas variações foram, respectivamente, de 3,3 e 3,4 filhos.

As variações relativas nos níveis de fecundidade, apresentadas na Tabela 2, permitem uma visualização mais clara desse processo de transição, bem como da forma diferencial com que ele ocorre nos diferentes subperíodos e nas diversas regiões brasileiras. Parece evidente que houve em todas as regiões, à exceção talvez da Região Sul, uma aceleração no ritmo de declínio da fecundidade, com destaque para as regiões Nordeste e Centro-Oeste onde, entre 1980 e 1991, a redução situou-se por volta de 40%.

Voltando à linha de comparação entre as regiões Norte e Sudeste pode-se observar que, enquanto na primeira a fecundidade chegou a aumentar em 15,1% entre 1940 e 1970, o Sudeste já apresentava uma variação negativa. No período subseqüente (1970/1991), o nível de fecundidade reduziu-se à metade na Região Norte e apresentou declínio de 48% na Região Sul. Entre 1980 e 1991, a fecundidade

Tabela 2
 Variação relativa das Taxas de Fecundidade Total, Brasil e Regiões, 1940-1991 (%)

Período	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	C. Oeste	BRASIL
1940/50	11.2	4.9	-4.2	0.9	7.9	0.8
1950/60	7.4	-1.5	16.3	3.3	-1.7	1.1
1960/70	-4.8	1.9	-28.1	-8.0	-4.7	-8.3
1970/80	-20.9	-18.6	-24.3	-33.0	-29.8	-24.5
1980/91	-35.7	-39.6	-31.6	-30.6	-40.6	-34.5

FONTE: Tabela 1.

caiu 35,7% na Região Norte, contra 31,6% na Região Sudeste e 34,5% na média de todo o Brasil.

Considerando a desagregação por situação de domicílio (urbano e rural), dados mais desagregados e com uma melhor alocação no tempo das estimativas indicam que na Amazônia, que hoje compreende a maior parte dos Estados da Região Norte, a fecundidade rural durante a década de 60 se encontrava entre 7,5 e 8,0 filhos por mulher, não se observando tendência ao declínio antes de 1970 (Fernández e Carvalho, p.74 - 1986). Este estudo identifica o início da queda da fecundidade rural entre os Estados do Norte e Nordeste, embora lenta, somente após 1970. Com relação à área urbana, não haveria evidências de queda até 1965, exceto na Amazônia, onde a fecundidade começou a declinar já no início dos anos 60, quando o declínio é moderado, mas, nos termos do estudo, sustentado.

Estimativas gerais segundo situação de domicílio para o período 1970/1991 são apresentadas na Tabela 3. A redução total da fecundidade no setor urbano da Região Norte foi de 48,2%, tendo sido de 42,8% no setor rural. Na Região Sudeste, essas variações, também negativas, foram de, respectivamente, 41,8% e 50,4%. Durante todo o período a fecundidade da população residente em domicílios rurais decresceu bem mais na Região Sudeste do que na Região Norte. Por outro lado, enquanto nos anos 70 a redução da fecundidade de mulheres residentes na zona urbana da Região Sudeste foi maior do que da Região Norte, nos anos 80 essa situação se inverte e a Região Norte passa a apresentar um ritmo de decréscimo igualmente acentuado.

Em 1970, as mulheres residentes na zona urbana da Região Norte tinham, em média, 2,8 filhos a mais do que aquelas residentes na Região Sudeste, diferença que caiu para 1,2 filho em 1991. Na zona rural, essas diferenças foram de 2,5 e 1,9, respectivamente. No final do período focalizado (1991), a diferença entre os níveis de fecundidade das populações urbana e rural era de 2,1 filhos na Região Norte e 1,31 na Região Sudeste. Em 1970, essas diferenças eram de 3,0 e 3,3 filhos. Na Região Sudeste, o ritmo de declínio da fecundidade rural foi bem mais acentuado do que o da fecundidade urbana, durante as duas últimas décadas. Já na Região Norte o

Tabela 3
Taxas de Fecundidade Total por situação de domicílio, Brasil e Regiões, 1970-1991

Anos	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	C. Oeste	BRASIL
Situação Urbana						
1970	6.62	6.44	3.83	4.06	5.31	4.54
1980	5.24	4.94	3.17	3.20	3.97	3.63
1991	3.43	2.94	2.23	2.36	2.48	2.48
Situação Rural						
1970	9.59	8.45	7.14	6.86	7.71	7.72
1980	8.04	7.65	5.46	4.55	5.98	6.40
1991	5.49	5.34	3.54	3.06	3.51	4.42

FONTES: 1940-1980: IBGE, Censos Demográficos; 1991 - IBGE, Departamento de Indicadores Sociais (DEPIS).

ritmo de queda dos níveis de fecundidade foi sempre maior na zona urbana.

Como o início do processo de redução da fecundidade está geralmente associado a modificações nas relações de trabalho e produção, assim como aos graus de urbanização e modernização da sociedade, dentre outros fatores de natureza econômica, social, cultural e político-institucional, é coerente supor que ele se dê primeiro nas áreas urbanas das regiões mais desenvolvidas, para depois se estender aos demais segmentos populacionais. Dessa forma, os dados parecem indicar que a Região Sudeste está, de fato, em um estágio posterior dentro do processo de transição de fecundidade, em relação à Região Norte. Mais ainda, que nesta última Região esse processo ainda é mais acentuado na área urbana, ao contrário do que ocorre com relação à Região Sudeste.

O uso mais detalhado das informações do Censo de 1991 permite-nos aprofundar algumas questões sobre a tendência recente da fecundidade no Norte. A comparação da chamada parturição e da fecundidade corrente (P/F), que constataria a mencionada queda ocorrida no último período intercensitário (Ver Gráfico 1), sugere também, que a queda teria sido relativamente mais acentuada no início da década e que teria seguido um padrão de queda semelhante ao da Região Sudeste⁴. Se os erros de declaração fossem similares em todas as regiões, o fato de a razão P/F ser maior, particularmente nas primeiras idades do período reprodutivo para o Norte e Nordeste, indicaria que a relação entre a fecundidade atual e a passada apresenta uma maior defasagem que em outras regiões. Em outras palavras, dado que o Sudeste, como se sabe, já apresenta níveis relativamente baixos, o que conseqüentemente deixa pouca margem para uma diminuição das taxas em valores absolutos, nesta última década, tanto o Norte como o Nordeste teriam experimentado quedas relativamente mais acentuadas.

⁴ Dito de uma forma simplificada, a série P/F é uma comparação, por grupos etários, da parturição – isto é, da fecundidade acumulada medida pelo número médio de filhos tidos por uma mulher – e da fecundidade corrente – ou a probabilidade, acumulada, que a mulher teve, durante o ano anterior à data da entrevista, de ter um filho. Em ausência de erros, esta série permite visualizar, antes que os níveis, a tendência recente da fecundidade; desta forma, valores maiores à unidade e em aumento segundo a idade da mulher, indicariam uma fecundidade passada maior que a equivalente à fecundidade atual ou corrente. Valores uniformes e em torno da unidade, indicariam a inexistência de mudanças no nível da fecundidade. Seja porque a população já passou desde algumas décadas anteriores a níveis baixos ou porque se mantém em níveis altos e constantes.

Ao se considerar a série P/F, segundo áreas urbana e rural no Norte, percebe-se que, particularmente nas idades 20-24 e 25-29, esta série apresenta valores similares, esta relativamente pouca diferença entre a parturição e o equivalente derivado da fecundidade atual indicaria erros de referência similares para ambas as áreas. A diferença entre as áreas aumenta notavelmente com a idade. Ao final do período reprodutivo, observa razões claramente maiores na área urbana. Esta tendência diferenciada indicando uma relativa maior fecundidade passada que atual, na área urbana dá suporte à hipótese de que a queda da fecundidade foi predominantemente urbana⁵.

3. A Fecundidade nos Estados da Região Norte (1975-80 e 1986-91)

Uma outra vertente da investigação acerca do processo de transição da fecundidade na Região Norte pode ser centrada na análise da situação nas diferentes Unidades da Federação (UF) que a compõem. Essa abordagem possibilita a verificação da existência de estágios diferentes desse processo de transição no interior da Região, a exemplo do que é possível evidenciar com relação ao nível de agregação regional.

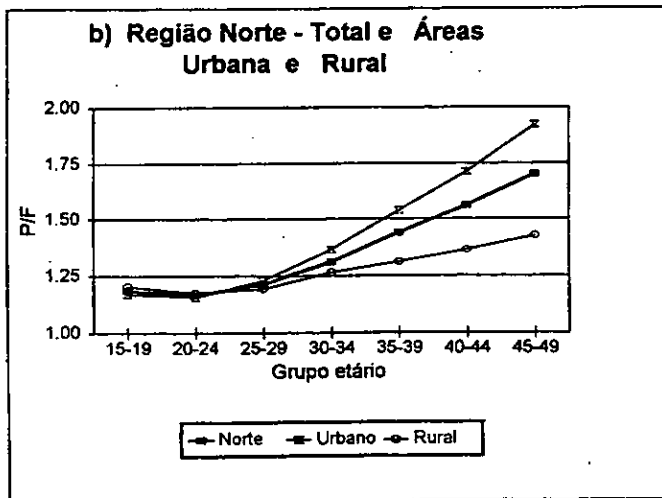
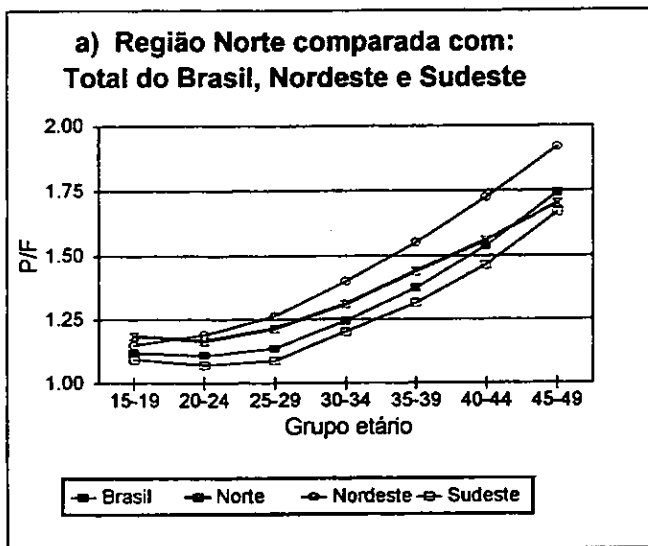
Com relação às Unidades Federativas do Norte, os dados apresentados no Gráfico 2, com TFT para os períodos 1975/80 e 1986/91, indicam a diversidade que existe no interior da Região e que está interligada à diversidade no comportamento de outras variáveis demográficas, fundamentalmente, como mencionado, da migração.

Em primeiro lugar, a queda proporcional ao longo da década foi similar à registrada para o total do País, com uma coincidência de valores na área rural (31% no Brasil e no Norte). No entanto, é na composição por UF – justamente dentro do rural do Norte – onde se dão as maiores diferenças.

Em segundo lugar, ao se considerar as UF observa-se que as TFT que oscilavam entre 6 e 7 filhos por mulher, passam a ter níveis menores, com quedas entre 27 e 44%. Para o último período, as TFT oscilam entre 3,5 para Rondônia e 4,9 para Amapá. Isto é, há

⁵ Ver nota explicativa anterior.

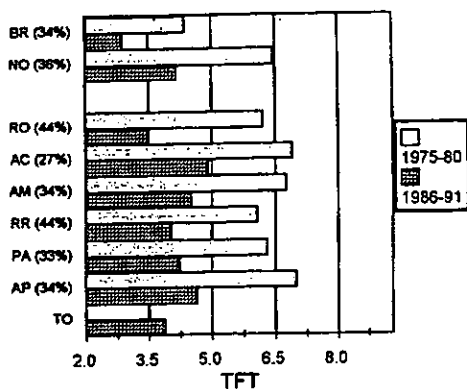
Gráfico 1
Brasil e algumas regiões selecionadas e áreas urbana e rural da Região Norte
Fecundidade acumulada por idade (série P/F) segundo o censo de 1991



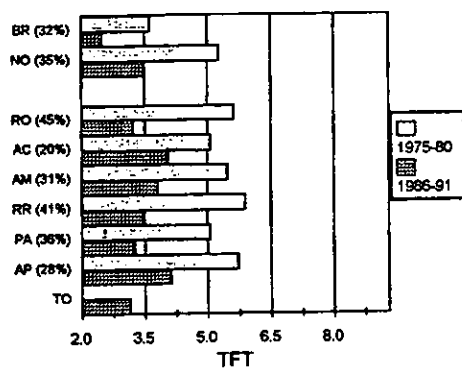
Fonte: Tabulações especiais do censo de 1991 - IBGE

Evolução da Fecundidade na Região Norte do Brasil

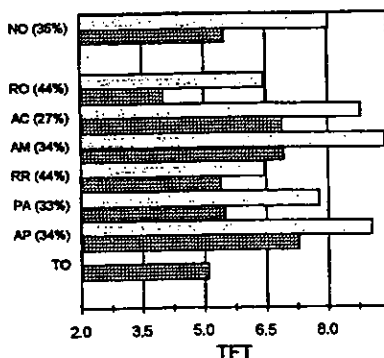
Gráfico 2
 Região Norte - População urbana e rural por estado
 Taxa de fecundidade total (TFT) e declínio durante os quinquênios 1975-80 e 1986-91
 Norte (Total)



Urbano



Rural



Fonte: Tabulações especiais do censo de 1991 e Carvalho e Pinheiro, 1986.

um aumento do diferencial entre as UF, embora em todas elas tenha havido declínio significativo nos níveis da fecundidade.

Considerando-se as áreas urbana e rural, nota-se similar padrão de diferenças, sendo mais acentuada na área rural. No quinquênio anterior ao censo de 91, na área urbana, a TFT apresenta valores entre 3 e 4 filhos por mulher. Na área rural nota-se, além da maior diferenciação, a permanência de TFT ainda altas. Se na década passada existiam UF, como Amazonas, com mulheres rurais com mais de 9 filhos em média, o Censo de 91 revela que várias UF ainda apresentam, na área rural, TFT em torno de 7 filhos por mulher. Existem, ao mesmo tempo, exceções como Roraima, cuja TFT é de 4 filhos, mostrando-se, inclusive, menor que a média do País de 4.42.

A comparação da fecundidade passada e presente para cada UF, total e por áreas urbana e rural pode ser vista no Gráfico 3. No caso da população total, a série, claramente crescente com a idade, indica o processo de transição da fecundidade, já instalado do Norte e sendo, talvez, mais acentuado em Rondônia. No caso de Roraima, onde P/F atinge valores inferiores e próximos a 1,0 nas primeiras idades, pode-se admitir que a fecundidade acumulada seja menor que o seu equivalente ao se usar dados de fecundidade atual. Este fato poderia se justificar na hipótese de que tal UF esteja recebendo, no período recente, jovens com uma fecundidade corrente comparativamente maior.

A série P/F, com uma tendência de aumento com a idade, é bastante clara na área urbana, o que não acontece com a área rural. Com exceção de Rondônia, a série apresenta valores relativamente constantes por idade ou em diminuição, como é o caso do Amapá e, em menor medida, do Acre. Nessas UF, é provável que a série P/F seja mais indicativa de erros na declaração e não de uma tendência da fecundidade. P/F, neste caso, sugere que, se o Norte continuar a transição de fecundidade, esta parte da população deverá experimentar significantes quedas num curto prazo de tempo.

4. A Composição por Idade da Fecundidade na Região Norte em 1991

A distribuição etária da fecundidade na Região Norte como um todo, segue um comportamento diferente daquele correspondente ao total

do País (Ver Tabela 4). Dadas as diferenças no nível da TFT⁶, as taxas por idade são sistematicamente maiores na Região Norte, sejam estas urbanas ou rurais. Coerentemente com esta diferença de níveis, os valores correspondentes às mulheres de 40 anos e mais da área urbana da Região são proporcionalmente maiores ainda; note-se que equivalem a praticamente o dobro dos registrados para o total do País.

A comparação indica que a distribuição por idade da fecundidade é menos concentrada no Norte. Nota-se que as mulheres jovens contribuem ao total da fecundidade relativamente mais do que na média do País. O grupo etário 15-19 representa quase 17% do total da fecundidade, sendo mais acentuada na área urbana. Igualmente, nas idades extremas (40 e mais), embora com proporções abaixo de 10%, estas são maiores que as registradas para o total do País.

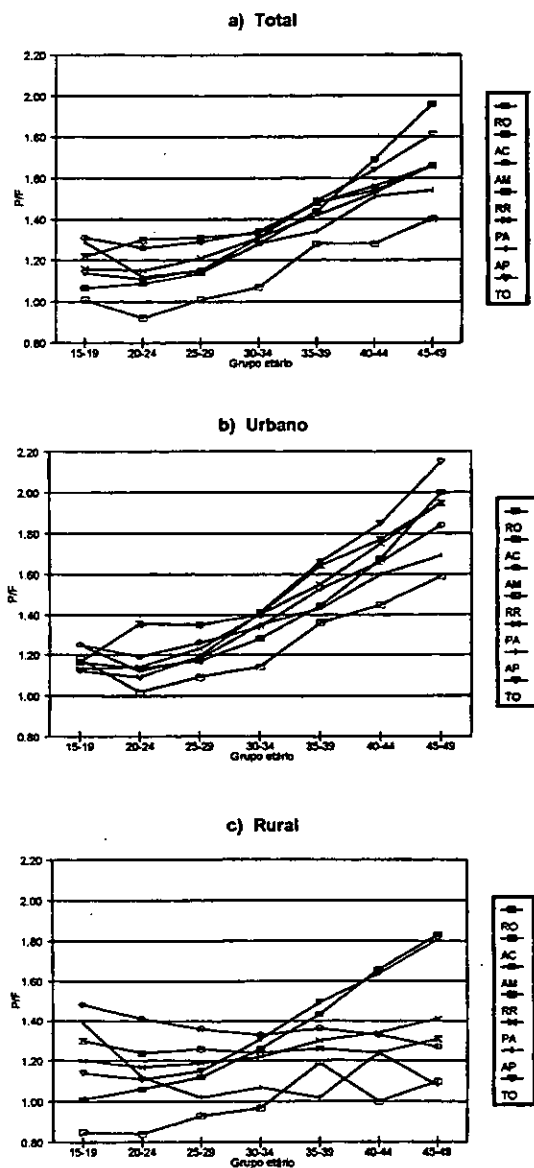
A distribuição da fecundidade por idade nas diferentes UF, segundo total da população e residência urbana ou rural apresenta-se nas tabelas 5.a, 5.b, e 5.c. A composição nos diferentes Estados da Região mostra um comportamento diferenciado. Rondônia apresenta uma distribuição bastante jovem, pois a idade média é inferior a 26 anos devido à importante contribuição das jovens, que fica próxima de 20%. Em contraste, este mesmo Estado registra a menor contribuição nas idades mais avançadas (5.2%). Note-se também que em Roraima as mulheres com 15-19 anos são responsáveis por quase um quarto do total da fecundidade, percentual semelhante ao de populações nas quais, grande parte de adolescentes está casada ou unida.

Na desagregação urbano/rural, nota-se que as diferenças interestaduais se localizam principalmente na área rural, a mesma que responde por quase metade do total da população da Região Norte.

Com relação à contribuição das mulheres jovens, embora a representatividade da fecundidade de mulheres de 15-19 anos na área urbana seja comparativamente maior à da área rural, as

⁶ As taxas por idade apresentadas nas tabelas por áreas urbano/rural e Unidades Federativas, contém implícito, uma correção média de 16%. (Tabulações especiais do Censo de 1991, fornecidas pelo Departamento de Indicadores Sociais do IBGE).

Gráfico 3
 Região Norte - População urbana e rural por estado
 Fecundidade acumulada por idade (série P/F) segundo o censo de 1991



Fonte: Tabulações especiais do censo de 1991 - IBGE

Tabela 4

Brasil e Região Norte, 1991: Taxas Específicas de Fecundidade (por 1,000),
Taxa de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e Representatividade
Proporcional de Alguns Grupos Selecionados

Grupo Etário	Brasil			Norte		
	TOTAL	URBANO	RURAL	TOTAL	URBANO	RURAL
5-19	87.4	79.7	114.5	138.9	121.1	172.1
20-24	162.6	143.6	234.9	226.8	197.9	281.2
25-29	142.9	128.6	204.5	187.7	157.0	245.9
30-34	94.1	81.2	152.4	126.9	100.3	176.2
35-39	54.5	42.8	107.9	88.4	65.7	130.0
40-44	24.3	17.2	54.9	47.8	34.6	70.4
45-49	5.6	3.5	14.2	13.6	8.8	22.1
TFT	2.85	2.48	4.42	4.15	3.43	5.49
Idade Média da Fecundidade	6.67	26.29	27.71	26.99	26.49	27.50
Representatividade Proporcional (%) de Grupos Etários Selecionados						
15-19	15.32	16.05	12.96	16.73	17.67	15.68
20-29	53.40	54.81	49.75	49.92	51.78	48.01
40 e mais	5.24	4.17	7.82	7.42	6.33	8.43

FONTE: Tabulações especiais do Censo de 1991 fornecidas pelo DEPS - IBGE

Tabela 5.a

Estados da Região Norte, 1991: Taxas Específicas de Fecundidade (por 1,000),
Taxa de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e Representatividade
Proporcional de alguns Grupos Selecionados
Total da População

Grupo Etário	Rondônia	Acre	Amazonas	Roraima	Pará	Amapá	Tocantins
15-19	135.90	162.90	146.90	180.20	134.10	145.20	129.60
20-24	213.10	236.40	228.40	183.20	227.20	245.90	238.70
25-29	159.10	227.70	203.50	176.50	189.90	187.20	171.80
30-34	96.80	162.90	135.70	108.40	131.50	153.50	107.80
35-39	52.90	105.20	101.50	63.40	92.20	109.40	78.60
40-44	29.20	70.30	57.10	50.70	47.60	70.40	39.00
45-49	6.90	15.80	21.10	16.30	14.50	12.30	6.90
TF	3.46	4.90	4.47	3.89	4.18	4.62	3.86
Idade média	25.80	27.43	27.40	26.42	27.13	27.52	26.43

Representatividade proporcional (%) de grupos etários selecionados

15-19	19.58	16.60	16.43	23.14	16.02	15.72	16.78
20-29	53.64	47.30	48.30	46.19	49.83	46.88	53.15
40 e mais	5.20	8.77	8.75	8.60	7.42	8.95	5.94

FONTE: Tabulações especiais do Censo de 1991 fornecidas pelo DEPIS - IBGE

Tabela 5.b

Estados da Região Norte, 1991: Taxas Específicas de Fecundidade (por 1,000),
Taxa de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e Representatividade
Proporcional de alguns Grupos Selecionados
Urbano

Grupo Etário	Rondônia	Acre	Amazonas	Roraima	Pará	Amapá	Tocantins
15-19	122.10	145.40	128.70	134.10	115.40	130.50	106.40
20-24	203.30	195.60	200.30	181.10	191.10	223.00	303.70
25-29	152.30	196.90	172.90	161.40	147.80	165.70	139.20
30-34	87.70	137.00	110.10	101.10	94.00	134.60	88.10
35-39	45.40	75.00	80.40	55.70	63.80	88.30	52.70
40-44	25.00	42.70	46.00	46.40	28.90	61.80	27.80
45-49	6.00	11.30	15.50	7.70	7.30	11.80	3.10

TFT	3.21	4.02	3.77	3.43	3.24	4.08	3.61
-----	------	------	------	------	------	------	------

Idade média da fecundidade	25.68	26.84	27.09	26.51	26.35	27.34	25.92
----------------------------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Representatividade proporcional (%) de grupos etários selecionados

15-19	19.02	18.09	17.07	19.51	17.80	16.04	16.03
20-29	55.41	48.82	49.50	49.82	52.28	47.77	71.32
40 e mais	4.83	6.72	8.16	7.87	5.58	9.05	4.98

FONTE: Tabulações especiais do Censo de 1991 fornecidas pelo DEPIS - IBGE

Tabela 5.c
 Estados da Região Norte, 1991: Taxas Específicas de Fecundidade (por 1,000),
 Taxa de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e Representatividade
 Proporcional de alguns Grupos Selecionados
 Rural

Grupos Etários	Roraima	Acre	Amazonas	Roraima	Pará	Amapá	Tocantins
RURAL							
15-19	159.20	200.70	208.60	269.30	160.90	216.40	171.10
20-24	236.90	329.90	321.00	188.50	277.60	354.20	292.20
25-29	177.10	302.20	306.80	223.00	248.20	289.40	223.60
30-34	115.80	221.00	227.90	128.80	182.10	258.00	138.80
35-39	66.40	172.00	179.80	166.20	131.10	209.80	120.30
40-44	35.50	121.30	93.60	61.80	72.50	110.00	54.10
45-49	7.90	25.20	39.70	39.60	24.40	14.10	11.80
TFT	3.99	6.86	6.88	5.38	5.48	7.25	5.06
Idade média da Fecundidade	25.94	28.09	28.05	27.36	27.73	27.95	26.78
Representatividade Proporcional (%) de Grupos Etários Selecionados							
15-19	19.93	14.63	15.14	25.00	14.67	14.90	16.91
20-29	51.83	46.06	45.58	38.20	47.94	44.33	50.97
40 e mais	5.43	10.68	9.68	9.41	8.83	8.55	6.51

FONTE: Tabulações especiais do Censo de 1991 fornecidas pelo DEPIS - IBGE

oscilações são maiores nesta última. Destaca-se aqui o Estado de Roraima, no qual o valor máximo corresponde ao grupo 15-19: a taxa de 27 filhos para cada 100 jovens significa 25% do total da fecundidade rural desse Estado. Este valor máximo, atípico, descaracteriza o padrão por idade da fecundidade rural de Roraima que adquire assim uma distribuição errática. Assim, ao considerar a população total, nota-se que são os dados da população rural os que tomam a fecundidade por idade do Estado próxima à de uma fecundidade "marital". Em resumo, a singularidade desta UF deve-se principalmente à distribuição obtida na área rural, cujo perfil etário precisa ser estudado com mais profundidade antes de aceitá-lo como tal⁷.

5. O Nível da Fecundidade para 1995/96

Dados preliminares da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde de 1996 (BEMFAM/DHS 1996) registraram uma TFT de 2,7 filhos para a área urbana da Região Norte. Este dado comparado com o apresentado na Tabela 4, indicaria uma diminuição anual de 4.5% aproximadamente num período de 5 anos e a continuação da transição da fecundidade para níveis definitivamente baixos.

Como estes dados referem-se apenas à população urbana, um exercício preliminar utilizando dados de Registro Civil poderia dar indicação do nível da fecundidade para o total da Região para períodos mais recentes.

Como se sabe, o Registro Civil para regiões menos desenvolvidas, não costuma ser uma fonte confiável. Assim, algumas considerações são necessárias.

Frias (1982) estima que o Registro Civil de nascidos vivos, na maioria das UF da Região Norte, tem uma cobertura bastante baixa, inferior, em geral, a 50%. Se esta cobertura é aproximadamente constante no tempo, e se o registro de nascidos vivos tem um comportamento regular, seria possível identificar uma tendência. Para tal efeito, a tabela 6 mostra a proporção de nascidos vivos registrados em dia e

⁷ As estatísticas do Registro Civil para os anos próximos a 1990, para o total do Estado, como um elemento de apoio para o conhecimento do padrão por idade da fecundidade, resultam numa relativamente menor representatividade do grupo etário 15-19 anos.

Tabela 6
 Brasil, Região Norte, Unidades Federativas e Municípios Capitais, 1991 e 1994: Registro de Nascidos Vivos
 por ano de Registro e Condição de Atraso ou Não

Região	1991			1994		
	Em dia(*)	Com atraso de(**):		Em dia(*)	Com atraso de(**):	
		3 Anos	8 Anos		3 Anos	8 Anos
Brasil	71.7	63.1	79.8	66.3	62.5	84.1
Norte						
Rondônia	56.1	67.5	90.9	53.5	63.1	91.2
Acre	24.6	37.3	60.3	24.6	41.1	68.8
Amazonas	36.8	47.7	69.3	36.3	51.1	75.8
Roraima	48.8	58.4	77.7	28.5	44.2	65.7
Pará	35.8	49.4	73.7	31.8	50.1	82.4
Amapá	47.9	63.2	83.6	41.9	62.5	87.7
Tocantins	39.0	50.7	76.7	38.2	55.9	82.0
Capitais						
Porto Velho	45.0	66.4	86.8	43.5	62.3	87.2
Rio Branco	36.9	55.9	77.3	38.2	55.4	80.1
Manaus	54.4	66.0	83.4	50.2	64.9	87.8
Boa Vista	52.6	60.9	76.3	35.2	50.6	70.6
RM. Belém	58.3	64.4	80.9	60.5	69.6	90.5
Belém	58.4	64.0	80.7	61.5	68.4	89.5
Macapá	49.4	64.1	83.2	50.0	64.0	85.7
Palmas	35.1	35.8	48.5	53.8	55.7	69.8

(*) Proporção em relação ao total de registros do ano (Por cem)

(**) Proporção em relação ao total de registros atrasados (Por cem)

FONTE: Estatísticas do Registro Civil dos anos indicados.

registrados em atraso, seja este de três ou de oito anos⁸ para dois períodos (1991 e 1994), tanto para as UF do Norte, como para os municípios das capitais de Estados.

Os dados, em geral, mostram uma regularidade no período compreendido entre 1991 e 1994, último ano para o qual se dispõe de dados. Os nascimentos que se registram em dia representam pouco mais de 50% para Rondônia e 25% para o Acre. Nos outros Estados, a proporção fica em torno do intervalo estabelecido pelas UF mencionadas.

Uma tentativa de quantificar o sub-registro das estatísticas vitais consiste em comparar o número de nascidos vivos obtidos a partir das estimativas censitárias de 1991 com o declarado no Registro Civil em 1991⁹. A diferença indicaria o grau de omissão do Registro Civil. Sob o suposto de que este apresenta um comportamento regular, tal como mencionado anteriormente, o mesmo grau de omissão pode ser aplicado às estatísticas de 1994 e assim estimar taxas de fecundidade corrigidas. A tabela 7, a seguir, mostra que, se não tivesse tido melhora alguma na cobertura do Registro Civil, a Região Norte teria para este último ano citado uma TFT de 3,91, isto é, uma queda anual de pouco mais de 3%.

Todavia, pode-se assumir o pressuposto de uma melhora da cobertura do Registro Civil. Se esta melhora fosse da ordem de 5 a 10%, magnitudes razoáveis, a TFT do Norte situar-se-ia entre 3,7 a 3,5. Lembrando que a PNDS 1996 registrou uma queda anual urbana da ordem de 4-5% para o primeiro quinquênio da década de 1990, as estimativas apoiadas no Registro Civil apenas confirmam a tendência definitiva de queda da fecundidade na Região Norte, tanto na área urbana, como na rural.

⁸ Assume-se, em geral, que o registro de uma grande maioria dos nascidos vivos completa-se ao cabo de 3 anos transcorridos desde a data de nascimento, e que depois de 8 anos, uma proporção muito pequena fará o registro.

⁹ O grau de cobertura das estatísticas vitais de nascimentos, para 1991, por idade da mulher e Unidade Federativa mostra-se no Anexo 1.

Tabela 7
 Região Norte, 1994: Taxas de Fecundidade Assumindo Diferentes Graus de Melhora da cobertura do Registro Civil

Taxas de Fecundidade	Sem Melhora	Com melhora da cobertura (%)		
		5%	10%	15%
TFT	3.91	3.71	3.52	3.32
Taxas por idade (por mil)				
15-19	140.4	133.4	126.4	119.4
20-24	223.2	212.1	200.9	189.7
25-29	182.6	173.5	164.4	155.2
30-34	115.6	109.8	104.3	98.2
35-39	73.6	69.9	66.3	62.6
40-44	37.2	35.3	33.4	31.6
45-49	9.2	8.8	8.3	7.8

6. A Título de Conclusão

As considerações anteriores indicam que a Região Norte está inserida na transição da fecundidade do País, um fenômeno já reconhecido e aceito. Durante a década anterior ao Censo de 1991, esta Região teria tido quedas significativas na TFT. Todavia, estas teriam sido relativamente maiores às registradas, por exemplo, no sul do País.

A Região possui ainda populações com níveis altos de fecundidade, como são as áreas rurais do Acre ou Amapá, com níveis próximos a 7 filhos por mulher, estes grupos deverão acompanhar nos anos 90, a transição que o Norte já teria iniciado rumo a níveis baixos. A análise preliminar dos dados censitários, assim como os subsídios do Registro Civil, parecem indicar que o processo de queda deverá continuar até incluir aquelas áreas com altos níveis.

É provável que tal diminuição atinja também as mulheres mais jovens, cujas taxas, na área rural de vários Estados, mostraram-se atipicamente alta.

A distribuição por idade que a fecundidade apresenta nas UF do Norte, embora passível de ter sido captada erroneamente no Censo, sem dúvida obedece a padrões culturais, socioeconômicos e ambientais diferentes daqueles conhecidos para regiões como o Sul e Sudeste; no entanto, é provável que também o Norte inicie um processo de identificação com o padrão que corresponde ao total do País. Entre as razões para isto acontecer no curto e médio prazo está o fato de o Norte ainda ser uma Região aberta a uma forte imigração e emigração.

As tendências recentes, isto é, pós 91, mostradas através do Registro Civil estariam a comprovar que a queda da fecundidade no Norte continua, e atinge, tanto populações urbanas, fato documentado pela PNDS 1996, como também, populações rurais.

Referências Bibliográficas

BEMFAM/DHS (1996) Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde - 1996. Relatório Preliminar. Rio de Janeiro.

CARVALHO, J.A.M. (1974): Tendências Regionais de Fecundidade e Mortalidade no Brasil. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG. Monografia N. 8.

FERNÁNDEZ, R. e CARVALHO, J.A.M.de, (1986): A evolução da fecundidade no Brasil, Período 1957-1979. In: *Revista Brasileira de População* - 3(2):67-86.

FRIAS de M.,L.A. (1982): Um modelo para estimar o sub-registro de nascimentos. *Boletim Demográfico*, V. 13 n. 2, p.11-32, abr.-jun.

FRIAS de M.,L.A. e CARVALHO J.A.M. de (1994): 'Fecundidade nas regiões brasileiras a partir de 1903 - Uma Tentativa de Reconstrução do Passado através das Gerações. *Anais do IX Encontro Associação de Estudos Populacionais* - ABEP. Caxambu.

KNODEL J. (1977): Family Limitation and the Fertility Transition: Evidence from the Age Patterns in Europe and Asia. *Population Studies* , 31 (2).

ANEXO 1

Grau de Cobertura do Registro Civil (por cem) Segundo Nascimentos Gerados a Partir das Taxas de Fecundidade por Idade (Censo de 1991)

Estados	TOTAL	Grupos Etários							
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
NORTE	29.36	25.69	33.67	32.39	26.84	21.59	17.60	13.72	
Rondônia	54.38	47.81	58.98	57.03	52.44	48.34	43.24	26.38	
Acre	22.46	19.51	26.06	24.39	20.74	17.93	12.98	17.53	
Amazonas	30.50	27.20	34.39	34.09	28.90	22.34	18.79	15.76	
Roraima	31.31	21.95	39.07	33.43	35.77	31.17	16.17	7.50	
Pará	23.14	19.80	27.12	25.80	20.58	16.45	13.23	10.48	
Amapá	38.72	34.20	40.30	46.57	35.37	34.18	24.94	21.56	
Tocantins	33.67	29.35	38.36	36.48	30.94	24.89	20.42	18.72	

